

PERCEPÇÃO SOBRE RAIVA E INTERAÇÃO ENTRE OS HABITANTES DO MUNICÍPIO DE CHÃ GRANDE - PE

PERCEPTION OF RABIES AMONG THE INHABITANTS OF CHÃ GRANDE MUNICIPALITY - PE

PERCEPCIÓN SOBRE LA RABIA ENTRE LOS HABITANTES DEL MUNICIPIO DE CHÃ GRANDE - PE

Joelma Silvestre dos Santos Silva¹

Vitor Gabriel Pedro da Silva²

Débora Taisa da Silva³

Janailson Ferreira da Silva⁴

Georgia Cybelle dos Santos Silva Barros⁵

Albérico Queiroz Salgueiro de Souza⁶

Luiz Augustinho Menezes da Silva⁷

RESUMO: A raiva é uma zoonose viral de elevada letalidade, cuja persistência no ciclo silvestre representa um desafio para a saúde pública, especialmente em áreas rurais com intensa interação entre humanos, animais domésticos e fauna silvestre. Este estudo teve como objetivo analisar a percepção da população rural de Chã Grande, Pernambuco, sobre a raiva, caracterizar as interações com mamíferos silvestres e seus potenciais riscos epidemiológicos. A pesquisa foi realizada por entrevistas com moradores da zona rural, investigando o conhecimento sobre a doença, práticas relacionadas ao contato com animais domésticos e silvestres e as espécies envolvidas nessas interações. Os dados foram analisados considerando a relevância epidemiológica das espécies citadas. Os resultados indicaram que a maioria dos entrevistados reconhece a raiva como doença grave e fatal. Foram relatadas interações frequentes com mamíferos silvestres, incluindo caça e avistamentos recorrentes, com destaque para o tatu e a raposa, esta última integrante do ciclo silvestre terrestre da raiva. Também foram mencionadas espécies sem relevância epidemiológica direta, evidenciando lacunas na percepção do risco sanitário associado à fauna silvestre. Conclui-se que essas interações configuram risco potencial para a manutenção do ciclo da raiva, reforçando a necessidade de ações educativas, vigilância integrada e estratégias no âmbito da Saúde Única.

Palavras-chave: Etnozoologia. Interações. Saúde pública.

¹Graduada em Ciências Biológicas. Especialista em saúde pública. Faculdade Novo Horizonte (FNH).

²Graduado em Ciências Biológicas. Mestrando em Biologia Aplicada à Saúde. Instituto Keizo Asami da Universidade Federal de Pernambuco. (iLIKA - UFPE).

³Licencianda em Ciências Biológicas, Centro Acadêmico de Vitória - Universidade Federal de Pernambuco (CAV/UFPE)

⁴Graduado em Ciências Biológicas, Centro Acadêmico de Vitória - Universidade Federal de Pernambuco (CAV -UFPE):

⁵Enfermeira. Mestranda em Saúde Coletiva. Faculdade de Ciências Médicas - Universidade de Pernambuco (FCM-UPE).

⁶Mestre em Saúde Humana e Meio Ambiente. Pós-graduando em Desenvolvimento, Regional Sustentável. Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, IF Baiano - Campus Uruçuca.

⁷Orientador, Doutor em Biologia Animal. Centro Acadêmico de Vitória Universidade Federal de Pernambuco (CAV -UFPE)

ABSTRACT: Rabies is a highly lethal viral zoonosis whose persistence in the sylvatic cycle represents a public health challenge, especially in rural areas with intense interactions among humans, domestic animals, and wildlife. This study aimed to analyze the perception of the rural population of Chã Grande, Pernambuco, regarding rabies, characterize interactions with wild mammals, and assess their potential epidemiological risks. The research was conducted through interviews with rural residents, investigating knowledge about the disease, practices related to contact with domestic and wild animals, and the species involved in these interactions. Data were analyzed considering the epidemiological relevance of the species mentioned. Results indicated that most respondents recognize rabies as a serious and fatal disease. Frequent interactions with wild mammals were reported, including hunting and recurrent sightings, particularly of armadillos and foxes, the latter being part of the terrestrial sylvatic cycle of rabies. Species without direct epidemiological relevance were also mentioned, revealing gaps in the perception of health risks associated with wildlife. It is concluded that these interactions represent a potential risk for maintaining the rabies cycle, reinforcing the need for educational actions, integrated surveillance, and strategies within the One Health framework.

Keywords: Ethnozoology. Interactions. Public health.

RESUMEN: La rabia es una zoonosis viral de elevada letalidad, cuya persistencia en el ciclo silvestre representa un desafío para la salud pública, especialmente en áreas rurales con intensa interacción entre humanos, animales domésticos y fauna silvestre. Este estudio tuvo como objetivo analizar la percepción de la población rural de Chã Grande, Pernambuco, sobre la rabia, caracterizar las interacciones con mamíferos silvestres y sus potenciales riesgos epidemiológicos. La investigación se realizó mediante entrevistas con habitantes de la zona rural, investigando el conocimiento sobre la enfermedad, las prácticas relacionadas con el contacto con animales domésticos y silvestres y las especies involucradas en estas interacciones. Los datos fueron analizados considerando la relevancia epidemiológica de las especies mencionadas. Los resultados indicaron que la mayoría de los entrevistados reconoce la rabia como una enfermedad grave y mortal. Se reportaron interacciones frecuentes con mamíferos silvestres, incluyendo la caza y avistamientos recurrentes, con destaque para el armadillo y el zorro, este último integrante del ciclo silvestre terrestre de la rabia. También se mencionaron especies sin relevancia epidemiológica directa, evidenciando vacíos en la percepción del riesgo sanitario asociado a la fauna silvestre. Se concluye que estas interacciones representan un riesgo potencial para el mantenimiento del ciclo de la rabia, reforzando la necesidad de acciones educativas, vigilancia integrada y estrategias en el ámbito de Una Salud.

Palabras clave: Etnozoología. Interacciones. Salud pública.

INTRODUÇÃO

A relação entre a percepção da população e as políticas voltadas para as principais doenças que acometem a saúde pública urbana é um fator determinante no controle das patologias, principalmente de zoonoses com alta letalidade, como a raiva. É comum na literatura, que a população tenha um conhecimento limitado sobre as zoonoses assim como

sobre as medidas profiláticas e de prevenção, colaborando para o cenário favorável à disseminação. Assim, o entendimento da percepção da comunidade local representa um passo estratégico relevante para orientar campanhas educativas e reduzir o risco de ocorrência de casos humanos, pois crenças, atitudes e condutas humanas influenciam diretamente na prevenção e no controle (RIBEIRO JEA e BROLIO MP, 2022; WHO, 2022).

A raiva caracteriza-se como uma infecção viral aguda e grave, com taxa de letalidade próxima de 100%, cuja transmissão ocorre por meio da inoculação do vírus *Lyssavirus*, presente na saliva ou em secreções de mamíferos infectados. A doença possui quatro ciclos epidemiológicos diferentes, que podem ter conexão entre si, envolve animais silvestres e domésticos e o contato de animais infectados com a população humana evidencia o iminente risco de casos de raiva humana (CERQUEIRA TAPM, et al., 2023; BRASIL, 2025). Apesar de avanços, a patologia ainda é um desafio à saúde pública mesmo com resultado positivo das campanhas nacionais de vacinação de cães e gatos (NASCIMENTO AO, et al., 2019). Compreender o que a população sabe sobre as formas de transmissão, a importância da vacinação animal, os sinais clínicos e as medidas pós-exposição é essencial para fortalecer a vigilância epidemiológica e subsidiar políticas públicas em saúde (SILVA AS, et al., 2022; BRASIL, 2025).

No âmbito nacional, a aplicação de políticas públicas como o Programa Nacional de Profilaxia da Raiva Humana foi crucial para uma queda nos casos de raiva canina e humana, com destaque para as campanhas de vacinação (VARGAS A, et al., 2019). No entanto, o ciclo aéreo apresenta elevada importância epidemiológica no Brasil, sendo os morcegos fundamentais para a manutenção desse risco no ambiente silvestre. De acordo com Cerqueira TAPM, et al. (2023) a distribuição geográfica dos abrigos de quirópteros apresenta compatibilidade com distribuição dos casos confirmados da doença. Fatores ambientais como supressão de habitat natural contribuem para o aumento da aparição de animais silvestres em regiões urbanas e rurais, expondo a população a um alto risco de raiva humana e causando um impacto econômico ao infectar animais de grande importância ao agronegócio (CERQUEIRA TAPM, et al., 2023).

A região Nordeste, em conformidade com o cenário brasileiro também apresenta a manutenção epidemiológica associada aos quirópteros hematófagos, porém um fator agravante para a região é uma forte atividade rural que favorece o contato humano com animais de produção, essa conjuntura permite que mamíferos como raposas, cachorros-do-mato, marsupiais e primatas aumentem as chances de contágio, principalmente de forma indireta,

infectando bovinos e equinos (MAGALHÃES MML, 2023; CHAVES H, et al., 2025). A ampliação da cobertura vacinal em animais domésticos apresenta forte impacto na redução de casos humanos da doença, no entanto, ainda é necessária uma maior ampliação nesse aspecto para a região Nordeste devido à persistência de casos, que pode ser reflexo de desafios enfrentados pela vigilância epidemiológica e da necessidade de ações de reforço à população e da importância das campanhas de vacinação (CERQUEIRA TAPM, et al., 2023; CHAVES H, et al., 2025).

O estado de Pernambuco, historicamente, apresentou casos humanos associados a transmissão por morcegos tanto de maneira direta quanto por intermédio de cães e gatos infectados por eles, e embora os números sejam reduzidos nos últimos anos, as notificações de positividade em animais demonstram que a possibilidade de novos casos não pode ser descartada, tornando evidente a necessidade de um manejo das populações de quirópteros e proteção de rebanhos em conjunto com a vacinação de animais domésticos (RÊGO AGO, et al., 2022; CHAVES H, et al., 2025). Os casos de raiva em Pernambuco têm apresentado uma tendência de ocorrência na região metropolitana como reflexo do crescimento no número de agressões por morcegos, no entanto, a atenção deve ser mantida também no interior do estado em razão do risco às zonas rurais, especialmente, pelo ciclo silvestre (RÊGO AGO, et al., 2022).

4

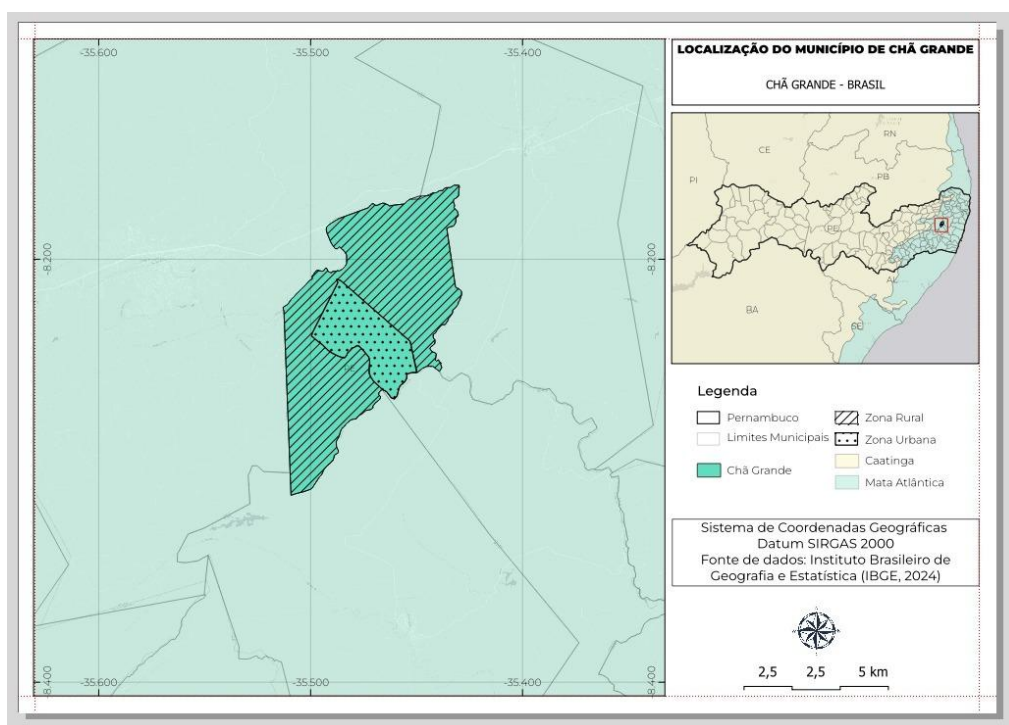
No município de Chã Grande (PE), segundo dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Saúde, entre 2007 e 2025, houve uma grande notificação de atendimentos antirrâbicos humanos decorrente de agressões por animais, com predominância de cães e gatos, porém agressões envolvendo animais silvestres como raposas, morcegos e herbívoros domésticos foram registradas, deixando a população exposta a um alto risco em decorrência das variadas vias de contaminação pelos diferentes ciclos da doença, caso os animais estivessem contaminados e o atendimento antirrábico não tivesse sido adotado nos agredidos. Sendo assim, a presente pesquisa pretendeu analisar a percepção da população do município de Chã Grande (PE) acerca da raiva, relacionando os conhecimentos locais aos riscos epidemiológicos e às possibilidades de exposição à doença, sobretudo aos casos que se tem conhecimento no próprio município, buscando entender qual o nível de compreensão dos moradores sobre as formas de transmissão, sintomas e outros aspectos que circundam a zoonose.

MÉTODOS

2.1 Local de estudo

O município de Chã Grande está situado na Mesorregião da Zona da Mata Pernambucana, no Estado de Pernambuco (Figura 1). Limita-se ao Norte e Oeste com o município de Gravatá, ao Sul com Amaraji e Primavera, e a Leste com Pombos. Possui área territorial de aproximadamente 84 km², a uma altitude média de 470 metros, localizado entre 08°14'15" de latitude sul e 35°27'45" de longitude oeste. De acordo com estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), a população é de cerca de 22.000 habitantes, distribuída entre zona urbana e zona rural, com densidade demográfica superior a 210 hab./km². Os aspectos ambientais, como a vegetação de transição de Mata Atlântica, favorecem a ocorrência de fauna silvestre diversificada.

Figura 01: Localização do Município de Chã Grande, Pernambuco.



Fonte: Silva JSS, et al., 2026; extraído de IBGE, 2024.

2.2 Coleta de dados

Para avaliar o nível de conhecimento dos moradores acerca da raiva silvestre, foram aplicados questionários domiciliares, conduzidos de forma sistemática casa a casa. Os participantes foram convidados verbalmente a integrar a pesquisa e sua adesão ocorreu

mediante a apresentação e concordância com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram aplicados questionários na zona rural autorizados pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Centro de Ciências da Universidade Federal de Pernambuco através do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 3984821460005208, atingindo o máximo de residências possíveis, em áreas previamente identificadas como pontos de risco. Em cada casa visitada, escolheu-se uma pessoa para responder o questionário e como critério de inclusão para participar da pesquisa, o entrevistado deveria ser maior de 18 anos, não incapaz e que residisse na comunidade na zona rural há mais de um ano.

O questionário envolvia perguntas abertas e fechadas abordando o conhecimento que a população da comunidade possuía sobre a raiva silvestre, bem como a interação com os mamíferos silvestres para identificar áreas de risco. Todos os questionários aplicados e informações obtidas por meio destes estão armazenados no Laboratório de Biodiversidade II, no Centro Acadêmico da Vitória, da Universidade Federal de Pernambuco.

RESULTADOS

3.1 Percepção dos habitantes do município sobre a raiva

Foram visitadas 197 residências, sendo entrevistado um morador por domicílio, com idades entre 18 e 77 anos, residentes nas localidades do Sítio Macacos, Macaquinhos, Japaranduba, Mangueira, Taboquinha, Matias e Vertente. Cerca de 49,24% dos entrevistados não têm o Ensino Fundamental completo, 13,7% apresentam Ensino Médio completo, e apenas 2,5% possuem nível Superior. Registrou-se que mais da metade das famílias da área estudada cria animais domésticos, desses, 37,9% criam cães, 27,41% gatos e 34,7% criam os dois. Esses animais são criados soltos (48,38%), presos (6,45%) e presos e soltos (45,17%); sendo praticamente todos vacinados contra raiva (89,51%) a menos de um ano.

Quando questionados sobre o que é a raiva, observou-se que 36% dos entrevistados não souberam descrever a doença. A maior frequência de respostas (21,08%) associou a raiva a uma enfermidade letal. Outras definições apresentadas relacionaram a doença a agravos que acometem especificamente cães (19,03%), a todos os animais de modo geral (18,27%) e a gatos (5,58%) (Tabela 01).

Tabela 1: Formas de transmissão por raiva descrita pela população

Como se pega raiva	Citados		Como se pega raiva	Citados	
	N	%		N	%
Não sei	78	39.6	Através da mordida do rato	4	2.0
Através da mordida do cachorro	44	22.3	Através da mordida das Raposas	4	2.0
Através da mordida de animal doente	35	17.8	Através da mordida do morcego	3	1.5
Através da mordida de cachorros com raiva	27	13.7	Através do arranhão dos cachorros	2	1.0
Através da mordida de gato	26	13.2	Através da mordida da cobra	2	1.0
Através da mordida de animais	16	8.12	Através da mordida de lagarto	2	1.0
Através do arranhão dos gatos	13	6.6	Através da mordida do guará	2	1.0
Através da mordida dos gatos com raiva	7	3.55	Através da saliva dos animais doentes	2	1.0

Fonte: Silva JSS, et al., 2026.

Embora a maioria dos entrevistados não tenha demonstrado conceituar adequadamente a doença, observou-se que quase a totalidade dos participantes (98,99%) a reconheceu como perigosa. Quando questionados sobre os motivos dessa percepção, as respostas concentraram-se principalmente na elevada letalidade da raiva, expressa pela justificativa “porque mata” (74,62%), seguida das menções à possibilidade de transmissão da doença e à ausência de cura, ambas agrupadas em menor proporção (8,13%).

Quanto às formas de transmissão da doença, 39,6% declararam não saber como ocorre a transmissão. Entre os que demonstraram algum conhecimento, a mordedura de cães foi indicada como a principal via de infecção (22,3%), seguida de mordida de animais doentes (17,8%) e de mordida de cães com raiva (13,5%). Outras formas de transmissão foram mencionadas, como mordidas, arranhões e contato com saliva de mamíferos domésticos (gatos) e silvestres (raposas e morcegos). Além disso, mordeduras de cobras e lagartos foram citadas por alguns entrevistados como possível forma de transmissão.

Diversas espécies foram apontadas pelos entrevistados como potenciais transmissores da raiva, destacando-se os animais domésticos, especialmente o cão (84,3%) e o gato (65,5%) (Tabela 2). Em seguida, foram mencionados animais silvestres, como raposas (27,9%), saguis (19,3%) e morcegos (6,6%). Também houve referências a animais de produção, com maior frequência para o cavalo (4,6%) e o boi (2,5%). Além dos mamíferos, alguns répteis, como cobras e lagartos (4,1%), também foram citados como potenciais transmissores da raiva. Uma pequena parte dos participantes (3%) afirmou que “todos os animais” seriam capazes de transmitir a

doença. Ressalta-se que alguns entrevistados indicaram mais de um animal como possível agente transmissor da doença.

Tabela 2: Relação dos animais que podem transmitir a raiva segundo a população estudada.

Quais animais podem transmitir raiva?	Citados		Quais animais podem transmitir raiva?	Citados	
	N	%		N	%
Cão	166	84.3	Todos os animais	6	3.0
Gato	129	65.5	Tatu	5	2.5
Raposa	55	27.9	Boi	5	2.5
Não sei	41	20.8	Animais que nascem com olhos fechados	2	1.0
Sagui	38	19.3	Cabra	2	1.0
Morcego	13	6.6	Cachorro doido	2	1.0
Rato	13	6.6	Gambá	2	1.0
Macaco	10	5.1	Chacal	1	0.5
Cavalo	9	4.6	Lagarto	1	0.5
Cobra	7	3.6	Maioria dos animais selvagens	1	0.5
Guará	7	3.6	Mico leão	1	0.5
Timbu	7	3.6	Porco	1	0.5
Leão	6	3.0	Preá	1	0.5

Fonte: Silva JSS, et al., 2026

3.2 Interação com mamíferos silvestres

8

Diferentes interações com mamíferos silvestres foram levantadas dentre elas temos a caça. As espécies citadas como alvo de caça concentram-se principalmente em mamíferos de médio porte, com destaque para o tatu (23,4%) e a raposa (7,6%), que foram os mais mencionados pelos entrevistados (Tabela 3). Alguns realizam atividades de caça, com a finalidade de utilizá-los na alimentação, no entanto para alguns a ação se justifica como defesa ou como atividade recreativa, sendo que 33,50% dos entrevistados conhecem alguém que realiza essa prática.

Foi possível constatar que há manutenção de mamíferos silvestres como animais domésticos, 8,62% responderam que criam ou conhecem alguém que realiza essa prática. Todos os mamíferos silvestres citados como pets foram saguis. Porém ao serem indagado notou-se que muitos deles ficavam com receio de falar. Em entrevista com sete desses criadores verificou-se que eles têm entre 36 e 68 anos de idade e um baixo grau de escolaridade, as famílias apresentam em média 3 a 4 pessoas por domicílio e a maioria tem criança em casa. Geralmente os cães e gatos são mamíferos domésticos que sempre interagem com seus donos e o contato direto desses animais com os habitantes é normalmente observado. Sabe-se que, o contato direto também dos

saguís com animais domésticos é provável de ocorrer, devido ao comportamento dos saguís em se sociabilizar e interagir com os animais domésticos.

Tabela 3: Relação dos mamíferos silvestres que foram citados pelos entrevistados como animais caçados na região estudada.

Mamífero	Citação	
	N	%
Tatú	46	23.4
Raposa	15	7.6
Coelho	9	4.6
Paca	5	2.5
Capivara	3	1.5
Guará	3	1.5
Quati	2	1.0
Tamanduá	2	1.0
Timbú	1	0.5

Fonte: Silva JSS, et al., 2026

A interação com raposas se mostra, de certa maneira, comum na região. Dos 197 entrevistados, 74,61% relataram ter avistado ao menos um desses animais, ao passo que 25,4% dos respondentes relataram ter tido contato direto com uma raposa, e 40,6% consideram frequente a aproximação desses animais às residências. As brigas entre os cachorros e as raposas sempre acontecem no entorno das propriedades, visto que 97 dos entrevistados responderam que é comum isso acontecer. Já não é comum brigas entre saguís e animais domésticos visto que apenas 2,53% afirmaram isso acontecer, e 3,55% dos entrevistados conhecem alguém que já foi acidentado por esses animais.

As rodovias que atravessam a região é a localidade mais comum na qual esses animais são observados com 76,19% de respostas. 17,3% dessas pessoas, relataram que viram raposas mortas pela região, dentre os que fizeram essa afirmação, 88,3% responderam que ao presenciar esses animais mortos, tendem a deixar o cadáver no local, sejam em estradas, copeiras, lavouras, cercados ou áreas de mata. Em relação ao sagui, um menor número de pessoas (10,15%) afirmou já ter visto algum indivíduo morto e no quesito de como agir caso encontre esse animal morto, 85% afirmaram que tendem a deixar o animal no local.

Em relação aos saguís, 86,3% dos entrevistados relataram já ter tido algum tipo de contato, direto ou indireto, com esses mamíferos. A presença de fragmentos de mata nas localidades pode favorecer essa interação, uma vez que 58,23% dos agricultores afirmaram presenciar saguís nessas áreas, enquanto 41,77% relataram vê-los nas proximidades de suas

residências. A ocorrência frequente desses animais próximos às moradias, foi reforçada por 55,32% dos entrevistados, que declararam observar saguis com alta frequência próximo a suas residências, 37,6% relataram que alimentam ou conhecem alguém que já alimentou esses animais.

Apenas um entrevistado afirmou que seu animal doméstico tem contato direto com o sagui. Todos negaram acidentes entre os saguis e familiares ou também com os seus animais domésticos. Esses mamíferos são alimentados com restos de comidas e frutas por todos da família. As brigas entre os cachorros e as raposas são frequentes nas proximidades das propriedades, de acordo com a maior parcela dos entrevistados (97%). Entretanto, os conflitos entre saguis e animais domésticos não são comuns, apenas 2,53% afirmaram que já viram isso acontecer e somente 3,55% conhecem alguém que já sofreu algum acidente envolvendo esses animais.

4 DISCUSSÃO

4.1 Percepção dos habitantes do município sobre a raiva

Observou-se que mais de um terço dos entrevistados não soube definir o que é a raiva, indicando desconhecimento conceitual básico sobre a doença. Esse dado é preocupante, considerando-se que a raiva é uma zoonose de elevada letalidade e cuja prevenção depende, em grande medida, do reconhecimento do risco e da adoção de medidas oportunas após a exposição (ALMEIDA MF e QUEIROZ LH, 2023).

Embora parte dos entrevistados tenha associado corretamente a raiva a uma doença letal, essa percepção mostrou-se limitada, uma vez que não foi acompanhada de uma compreensão mais ampla sobre sua etiologia, formas de transmissão e espécies envolvidas. Nesse sentido, Lovadini VL, et al. (2019) destaca a importância do fortalecimento das práticas de educação em saúde como estratégia fundamental para a prevenção da raiva. A atuação dos serviços primários de saúde, ao promover informação qualificada e acessível à população, torna-se essencial para reduzir falhas no conhecimento, favorecer a percepção adequada do risco e contribuir para o controle e a eliminação da raiva humana (BABBONI SD e MODOLO JR, 2011).

A associação predominante da raiva aos cães citada por boa parte dos entrevistados reflete a histórica vinculação da doença ao ciclo urbano, amplamente difundida por campanhas de vacinação antirrábica e ações de controle populacional canino desenvolvidas ao longo das

últimas décadas no Brasil (BRASIL, 2025). Embora esse reconhecimento seja relevante, a menor proporção de respostas que associou a raiva a todos os animais e de forma mais restrita aos gatos, evidencia um conhecimento limitado acerca da diversidade de espécies suscetíveis e da complexidade dos ciclos de transmissão do vírus, especialmente o ciclo silvestre (WHO, 2022).

As interações de humanos, especialmente com cães e gatos, colocam ambas as espécies em sítio de importância epidemiológica no ciclo urbano da raiva. Animais errantes e domiciliados tornam-se principais fontes de transmissão quando não expostos a agentes imunizantes, reforçando a necessidade de orientação à população sobre os meios de prevenção da raiva em animais de companhia (ALVES L, 2020; RIBEIRO JEA e BROLIO MP, 2022). Isso torna-se particularmente preocupante em contextos rurais e periurbanos, nos quais o contato humano com animais silvestres e domésticos é mais frequente, aumentando o risco de exposição ao vírus e dificultando a percepção adequada do perigo associado a agressões por espécies não caninas, como mamíferos silvestres (BRASIL, 2025).

Com relação às formas de transmissão da raiva, os resultados evidenciaram um conhecimento limitado, uma vez que, uma parcela expressiva dos participantes declarou desconhecer os mecanismos de infecção. Embora tenham sido mencionadas vias corretas de transmissão, como mordidas, arranhões e o contato da saliva de mamíferos domésticos e silvestres com ferimentos ou mucosas, observou-se a presença de equívocos, evidenciados pela atribuição da transmissão a espécies não suscetíveis ao vírus da raiva, como cobras e lagartos, já que o vírus só é transmitido entre mamíferos (BRASIL, 2025).

Verificou-se que uma grande da parte população apresenta déficit de informações acerca da raiva, o que expõe tanto os moradores quanto seus animais domésticos a um risco significativo de infecção, especialmente considerando que o presente estudo comprovou a circulação do vírus da raiva silvestre na zona rural do município de Chã Grande. Ademais, o contato frequente da população e de seus animais domésticos com mamíferos silvestres, potencializa ainda mais os riscos da disseminação da doença (MACHADO LEDB e TEIXEIRA MM, 2025). Apesar de 85% afirmarem que tendem a deixar o animal no local, caso o encontre morto, a carcaça de animais exposta é um risco de transmissão de zoonoses (BRASIL, 2025).

4.2 Interação com mamíferos silvestres

As interações entre a população, os animais domésticos e os mamíferos silvestres em Chã Grande (PE) mostraram-se frequentes e assumem múltiplas formas, incluindo práticas de caça, avistamentos recorrentes, conflitos entre espécies e, em menor proporção, a criação de animais silvestres em ambiente domiciliar. Esse conjunto de interações deve ser compreendido como um fator relevante para a manutenção e a potencial transmissão do ciclo silvestre da raiva, especialmente em contextos rurais caracterizados pela fragmentação ambiental e proximidade entre áreas naturais e residências (HELIODORO G, et al., 2020).

A prática da caça, ainda que relatada de forma indireta por parte dos entrevistados, confirma dados de estudos etnozoológicos realizados em diferentes regiões do Brasil, nos quais os mamíferos silvestres estão associados a fatores culturais, alimentares, defensivos ou recreativos (SOARES HKL, 2024; SANTOS PVC, 2024). A predominância do tatu como principal animal citado e a presença da raposa entre os alvos de caça são especialmente relevantes, pois, no ciclo silvestre terrestre da raiva, essas espécies podem atuar como hospedeiros e fontes potenciais de infecção. (AGUIAR TDF, et al., 2011; VILAÇA, et al., 2025; MACHADO LEDB e TEIXEIRA MM, 2025).

A interação entre os mamíferos silvestres e os animais domésticos amplia esse risco, uma vez que cães e gatos podem ser como uma ponte entre o ambiente silvestre e doméstico. Embora a elevada cobertura vacinal dos animais domésticos represente um fator protetivo importante, o regime de criação predominantemente solto ou misto favorece o contato direto com a fauna silvestre (LACERDA LM, et al., 2020). Situação semelhante foi descrita por Santos HF (2022) em comunidades rurais inseridas em áreas de vegetação nativa, nas quais a circulação irrestrita de cães contribui para o aumento da exposição a agentes zoonóticos.

No que se refere às raposas, a elevada frequência de avistamentos, sobretudo em rodovias, evidencia a influência das infraestruturas humanas na dinâmica espacial desses animais. As rodovias, além de aumentarem a mortalidade por atropelamento, também favorecem o deslocamento e a aproximação da fauna silvestre às áreas urbanas, intensificando o contato entre essas populações (CEZAR HRA, et al., 2021). O relato recorrente de raposas encontradas mortas e a conduta predominante de deixar os corpos no local indicam fragilidades na vigilância passiva da raiva silvestre, aspecto já destacado por Vilaça VF, et al. (2025) como um dos principais entraves para o monitoramento e controle da doença no ciclo silvestre.

Casos recentes de raiva em *Cerdocyon thous* Linnaeus, 1766 registrados no Nordeste reforçam a relevância epidemiológica dessa espécie e evidenciam o risco de transbordamento do ciclo silvestre para o ambiente doméstico (MATIAS BTL e MACHADO VP, 2025). Embora o risco de transmissão por contato indireto com animais mortos seja considerado baixo, ele não pode ser completamente descartado, sobretudo em contextos de circulação de animais domésticos (BRASIL, 2025).

A interação com saguis mostrou-se ainda mais próxima e frequente, marcada por encontros constantes nas proximidades das residências, alimentação direta e domesticação. A criação de mamíferos silvestres como “mascotes”, apesar de proibida por lei, tem sido amplamente registrada no Brasil, sendo os saguis as espécies mais comumente envolvidas nesse tipo de prática (ROCHA CAR, et al., 2021). A naturalização dessa interação, observada também no presente trabalho, contribui para a redução da percepção de risco, mesmo diante do potencial desses primatas em participar da manutenção e disseminação do vírus da raiva no ciclo silvestre (AGUIAR TDF, et al., 2011; VILAÇA VF, et al., 2025).

Por fim, é possível notar que apesar da baixa ocorrência de relatos de acidentes envolvendo saguis, a proximidade contínua entre esses animais, humanos e animais domésticos configura um cenário epidemiologicamente sensível. Estas são espécies adaptáveis, com hábitos diurnos e comportamento exploratório, tendem a se aproximar de áreas antropizadas, favorecendo a troca de patógenos entre a fauna silvestre e doméstica, conforme discutido por Rocha CAR, et al. (2021) e reforçado por análises recentes sobre os riscos da raiva em animais silvestres para a saúde pública (SILVA AS, et al., 2022; MACHADO LEDB e TEIXEIRA MM, 2025).

CONCLUSÃO

Os resultados deste estudo evidenciam fragilidades no conhecimento da população do município de Chã Grande acerca da raiva, tanto no que se refere à compreensão conceitual da doença quanto às suas formas de transmissão, espécies envolvidas e medidas de prevenção. A associação predominante da raiva aos cães, aliada ao desconhecimento quanto à participação de outras espécies domésticas e silvestres, bem como à presença de equívocos sobre os mecanismos de transmissão, indica a necessidade de fortalecimento das ações de educação em saúde e da atuação dos serviços de atenção primária e vigilância epidemiológica, especialmente em áreas rurais e periurbanas.

Práticas como a caça, a criação de animais silvestres em ambientes irregulares, o manejo inadequado de carcaças e a circulação livre de cães e gatos favorecem o contato entre os ciclos silvestre e doméstico, aumentando o risco de transbordamento do vírus. Ademais, A comprovação da circulação do vírus da raiva silvestre na zona rural do município reforça a importância da adoção de estratégias integradas que articulem a educação em saúde.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, T.D.F. *et al.* Risco de transmissão do vírus da raiva oriundo de sagui (*Callithrix jacchus*), domiciliado e semi domiciliado, para o homem na região metropolitana de Fortaleza, estado do Ceará. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 44, n. 3, p. 356–363, 2011.

ALMEIDA, M. F.; QUEIROZ, L.H. **História da raiva no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2023. 422 p. ISBN 978-65-5714-451-0. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9786557144510>.

ALVES, L. **Importância da vacinação de cães em relação a parvovirose, cinomose e raiva**. 2020. 23 f. TCC (Graduação) – Curso de Bacharelado em Medicina Veterinária. Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos, Gama – DF. 2020.

BABBONI, S.D.; MODOLO, J.R. Raiva: origem, importância e aspectos históricos. **Biológicas & Saúde**, Londrina, v. 13, n. especial, p. 349–356, 2011.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Raiva. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/r/raiva>. Acesso em: 10 fev. 2026.

CERQUEIRA, T.A.P.M. *et al.* Mudança no perfil epidemiológico da raiva no Brasil. **Pubvet**, v. 17, n. 09, p. e1455-e1455, 2023.

CEZAR, H.R.A. *et al.* Mamíferos silvestres atropelados em estradas da Paraíba, Nordeste do Brasil. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 5, p. 48037–48049, 2021.

CHAVES, H. *et al.* Evolução epidemiológica da raiva no Brasil na última década: um estudo retrospectivo. **GESTUS MULTIDISCIPLINAR**, p. 54–59, 2025.

HELIODORO, G. *et al.* Animais domésticos e o risco de zoonoses para a fauna silvestre na área de entorno do Parque Nacional da Tijuca. **Biodiversidade brasileira**, v. 10, n. 2, p. 133–147, 2020.

LACERDA, L.M. *et al.* Avaliação do nível de conhecimento da população de São José de Ribamar-MA sobre zoonoses e posse responsável de animais domésticos. **Ars Veterinaria**, v. 36, n. 4, p. 271–277, 2020.

LOVADINI, V.L. *et al.* Percepção e práticas sobre a raiva da população atendida nos serviços primários de saúde. **Enfermagem Atual in Derme**, v. 90, n. 28, 2019.

MACHADO, L.E.D.B.; TEIXEIRA, M.M., Rabies in wild animals: Risks to public health. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 14, n. 11, p. e36141149937, 2025. DOI: 10.33448/rsd-v14i11.49937. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/49937>. Acesso em: 18 jan. 2026.

MAGALHÃES, M.M.L. **Circulação do vírus da raiva (RABV) em mamíferos silvestres em áreas urbanas, Nordeste do Brasil**. 2023. 85 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Veterinárias) – Faculdade de Veterinária, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2023.

MATIAS, B.T.L.; MACHADO, V.P.. Raiva em raposa (*Cerdocyon thous*) em São Gonçalo do Amarante-Ceará: relato de caso. **Pubvet**, v. 19, n. 06, p. e1783-e1783, 2025.

NASCIMENTO, A.O. *et al.* Perfil epidemiológico do atendimento antirrábico humano em uma área de planejamento do município do Rio de Janeiro. **REME-Revista Mineira de Enfermagem**, v. 23, 2019.

RÊGO, A.G.O. *et al.* Perfil epidemiológico dos atendimentos antirrábicos pós-exposição procedentes de agressões por animais silvestres em Pernambuco, Brasil. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 10, p. e200111032593-e200111032593, 2022.

RIBEIRO, J.E.A.; BROLIO, M.P.. **Percepção da população sobre a raiva animal no estado do Amazonas**. In: Brolio, M.P.; Campos, L.B.; Souza, S.S.; Sotero, M.P.; Pavanelo Júnior, V. (Org.). **Tópicos em Ciência Animal**. Belo Horizonte: Poisson, 2022. v. 2, p. 21-25. DOI: 10.36229/978-65-5866-216-7.CAP.02.

ROCHA, C.A.R. *et al.* Enfermidades causadas por manejo incorreto em sagui de tufo branco (*Callithrix jacchus* Linnaeus, 1758) mantido em cativeiro-relato de caso. **Revista de Medicina Veterinária do UNIFESO**, v. 1, n. 01, 2021.

SANTOS, H.F. **Interação entre cães, animais silvestres e carrapatos (Acari; Ixodidae) em uma comunidade rural inserida na Floresta Atlântica no Estado do Rio de Janeiro**. 2022. Tese (Doutorado em Ciências Veterinárias) — Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2022.

SANTOS, P.V.C. **Interações entre populações tradicionais com espécies de répteis e mamíferos do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses**. 2024. 12 f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais) - Universidade Federal do Maranhão, Chapadinha, 2024.

SILVA, A.S. *et al.* Aspectos epidemiológicos da raiva: Estudo descritivo. **Pubvet**, v. 16, p. 197, 2022.

SOARES, H.K.L. **Interações entre pessoas e mamíferos silvestres no mundo: usos, conflitos e conservação**. 2024. Dissertação (Doutorado em Ciências Biológicas) — Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2024.

VARGAS, A. *et al.* Raiva humana no Brasil: estudo descritivo, 2000-2017. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 28, p. e2018275, 2019.

VILAÇA, V.F. *et al.* Dinâmica da Raiva em Animais Silvestres e Domésticos em Pernambuco: Revisão de Dados Epidemiológicos. In: **Anais da Expofacol - Comunicação e Identidade**. Anais. Vitória de Santo Antão(PE) Centro Universitário Facol, 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Guide to introducing human rabies vaccine into national immunization programmes**. World Health Organization, 2022.